

Esmagar o Hamas

Mahdi Abdul Hadi . *Director da Palestinian Academic Society for the Study of International Affairs (PASSIA), Jerusalém.*

Na semana passada, dois episódios que ocorreram na Cisjordânia e na Faixa de Gaza apontam para uma evolução na sociedade palestina. O primeiro episódio ocorreu na Cisjordânia, a 25 de Junho, na proximidade da zona de Kerem Abu Salem/Shalom. Um grupo de jovens palestinos, irados e frustados, membros dos Comitês de Resistência Popular, (CRP), escavou um túnel até uma base militar israelita e envolveu-se numa batalha, onde perderam dois elementos, mataram dois soldados israelitas e capturaram o Cabo Gilad Shalit, de 20 anos, como prisioneiro de guerra.

O segundo episódio ocorreu no Cemitério Oriental de Nablus, a 1 de Julho. Aqui, um grupo de jovens palestinos, irados e frustados, desta vez ligados à Fatah, enfrentaram uma operação militar israelita que durou 20 horas, sem descanso, enfrentando gás lacrimogéneo, balas, mísseis e a guerra psicológica. Walid Shahruri, com 16 anos, continuou a lutar mesmo depois de ferido, e nem sequer atendeu ao pedido da sua mãe para que se rendesse. Após a morte dos seus colegas, Nablus, com os seus mais de 200,000 cidadãos, celebrou um dia de luto em honra do seu heroísmo.

Estes episódios apontam para o que pode vir a ser uma nova via na luta palestina contra a ocupação israelita: não foram coordenados, não obedeceram a ordens superiores, não estiveram relacionados entre si e foram conduzidos por jovens, não pela agenda de alguma liderança, mas em nome de aspirações nacionais, do seu próprio orgulho, para desafiar a cultura de ocupação.

Os jovens palestinos são mais de 50% da população. Os que lutaram nos dois incidentes referidos fizeram-no sabendo que não iriam acabar com a ocupação israelita. Quiseram enviar uma mensagem, humilhando os militares israelitas e conseguindo assim um exemplo para outros, no que poderá vir a ser a “terceira intifada”, na esperança de que desta vez não seja “açambarcada” por “*big brothers*”, interna ou externamente.

O exército israelita ficou a sangrar e o ego inflamado do seu “exército invencível” foi esmagado por jovens inexperientes que nasceram e cresceram sob a sua alçada.

Esse exército procura agora a vingança e nem Amir Peretz, o ministro israelita da defesa, nem o primeiro-ministro Ehud Olmert, podem segurar a besta. Daí as cenas a que estamos a assistir na Cisjordânia e na Faixa de Gaza.

Na Palestina, entretanto, o terramoto político que resultou da vitória do Hamas nas eleições parlamentares de Janeiro mostrou que as pessoas desejam mudanças e reformas. O sucesso do Hamas também contribuiu para trazer à luz do dia uma Fatah dividida e um regime corrupto. Assim, ajudou à emergência de uma nova geração no secular movimento Fatah, que não está presa à velha guarda.

Por outro lado, a ascensão do Hamas trouxe os islamistas para mais perto da zona cinzenta da governação, forçando-os a “normalizar” as relações com os secularistas para o desenvolvimento de uma agenda comum.

Após as eleições de Janeiro, o Hamas e a Fatah continuaram a ser adversários, a diferentes níveis, tanto dentro como fora dos Territórios Ocupados. Esta relação reflecte as suas diferenças, tanto em posições como em interesses e objectivos. Para além disso, o Hamas não tinha experiência de governo e a Fatah não conseguia acomodar-se a um lugar na oposição.

Israel, a União Europeia e os Estados Unidos, entretanto, impuseram três condições ao Hamas para que fosse internacionalmente aceite enquanto governo palestino: o reconhecimento de Israel, a aceitação dos anteriores acordos e a renúncia à violência. As sanções subsequentes contra a Autoridade Palestina levaram a um fechamento severo, ao congelamento dos salários de 160,000 funcionários públicos palestinos e ao desastre económico.

Os dirigentes do Hamas conseguiram fazer entrar alguns fundos, provenientes de Estados árabes e islâmicos, e o primeiro-ministro Ismail Hanyeh instituiu os seus sermões de sexta-feira, em Gaza, que chegam directamente às massas mais jovens, numa acção que faz lembrar os sermões dominicais dos líderes revolucionários proferidos nas igrejas da América Latina.

Gradualmente, através do diálogo nacional baseado no Documento de 18 pontos dos prisioneiros, o Hamas chegou a acordo com os representantes da Fatah para cumprir todas as condições impostas pelo Ocidente e para formar um governo de coligação, disposto a negociar com Israel, com o *roadmap* como base para encontrar uma solução de dois Estados.

Isto provou, porém, por estar em total contradição com os objectivos do governo de Israel, nomeadamente com o plano de “convergência” unilateral do Kadima e o esmagar do Hamas enquanto “organização terrorista”. Este ultimo objectivo resulta dos receios perante a evolução futura do Hamas, caso conseguisse desenvolver com sucesso um programa baseado no Islão político, com uma eventual cópia das táticas do Hezbollah, do Líbano. Israel está a usar o episódio do cabo Gilad Shalit para implementar estes objectivos estratégicos.

Estes objectivos estratégicos também explicam as práticas israelitas em Jerusalém e no resto dos Territórios Ocupados, em termos do Muro de Separação, fechamentos, detenções, deportação de membros do CRP e, recentemente, a influência sobre a Autoridade Palestina para remover o Grande Mufti de Jerusalém, devido aos seus laços estreitos com os líderes islâmicos em Israel e ao seu papel na preservação de instalações árabe-islâmicas em Jerusalém.

O episódio de Shalit trouxe para a boca de cena o Egípto como mediador. O Egípto tem as suas próprias preocupações de segurança em relação a Gaza, e particularmente à fronteira de Rafah, e quer suavizar o impacto das operações militares de Israel, para que a crise não alastre para a região, particularmente para a Síria.

Os actuais acontecimentos em Gaza têm várias consequências. Um cenário positivo seria a libertação de prisioneiros palestinos por parte de Israel, como libertaram o Xeique Ahmed Yassin em troca de dois agentes da Mossad, na sequência da tentativa de assassinio de Khalid Mishaal, em Amam, em 1994. Esta troca de prisioneiros decorreria sob a mediação egípcia, como a de 1994 contou com a mediação do falecido rei Hussein.

Após essa troca, Israel ver-se-ia perante um governo de coligação palestino e mediadores árabes (Egípto e Jordânia). Isto poderia conduzir, apesar da cultura de medo e desconfiança, a um longo processo de negociações, de acordo com a agenda do *roadmap*. Apesar de ser um cenário positivo, os palestinos continuarão a sofrer entre o “pau” militar israelita e o retomar das “cenouras” europeias.

Um cenário negativo seria a implementação do objectivo estratégico de Israel de esmagar o Hamas, e assim a bota de ferro do exército israelita continuaria o seu caminho, assassinando alguns líderes do Hamas e, conseqüentemente, acabando com a missão da Autoridade Palestina, particularmente com a de Mahmoud Abbas. Isto conduziria ao início da terceira intifada, nos moldes do exemplo de Kerem Shalom e do Cemitério Oriental de Nablus.